

“Normalizando” o povo judeu

a experiência da *Jewish Colonization Association* no Brasil

Bila Sorj

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SORJ, B. org. *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. “Normalizando” o povo judeu no Brasil: a experiência da *Jewish Colonization Association* no Brasil. pp. 76-90. ISBN: 978-85-9966-260-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

“Normalizando” o povo judeu: a experiência da *Jewish Colonization Association* no Brasil

Bila Sorj¹

Introdução

Este trabalho trata de uma experiência judaica de engenharia social nos tempos modernos. Através do estudo de uma experiência histórica, a colonização rural no sul do Brasil comandada pela *Jewish Colonization Association*, pretendemos argumentar o seguinte:

1) A auto-imagem do judaísmo moderno foi moldada pelo discurso dos filosemitas, isto é, os não-judeus que defendiam a integração dos judeus na sociedade mais ampla. O filosemitismo, entretanto, não foi um discurso de aceitação dos judeus tal como eles eram. Pelo contrário, argumentava que se os judeus não fossem discriminados e isolados abandonariam seus “vícios” culturais e sociais e passariam a ser iguais ao resto da população;

2) na medida em que os judeus continuavam a manter suas características sociais mesmo em contexto de liberdades civis e políticas, os movimentos sociais judaicos e suas instituições orientaram suas ações para mudar a estrutura ocupacional dos judeus através de vários experimentos de engenharia social e ideologias. O objetivo destas ideologias era “normalizar” o povo judeu;

3) essas experiências de engenharia social estavam baseadas nos pressupostos filosemitas de que a tendência dos judeus de se concentrarem nas áreas urbanas e em atividades de serviço era uma anomalia e devia ser combatida. Conflitos e desentendimentos permanentes emergiram entre engenheiros sociais e as predisposições ocupacionais dos judeus adquiridas ao longo de um processo histórico de longa duração;

¹ Professora de Sociologia - IFCS/UFRJ.

4) como conclusão podemos sugerir que só no momento atual, chamados por alguns de pós-modernidade, quando as estruturas ocupacionais mudaram dramaticamente em todo o mundo, quando as atividades rurais e manuais estão em declínio, é que os projetos de engenharia social judaicos perderam seu apelo e podem, agora, ser analisados sob um prisma histórico e crítico.

Modernidade e judaísmo

O judeu medieval construído pela Igreja católica estava condenado, pelo menos até o juízo Final, a permanecer como um ente diferente, sem salvação possível e frente ao qual era necessário manter distância e resguardo.

Não foi necessária a chegada do apocalipse para que se abrisse ao povo judeu a possibilidade de integração à comunidade mais ampla e para que fossem considerados iguais e não mais como fonte de contaminação pecaminosa. Esta possibilidade foi aberta pela modernidade através dos novos valores disseminados pela Ilustração e pela Revolução Francesa.

A integração dos judeus no mundo gentil não foi, como sabemos, um processo unívoco. As versões, a anti-semita e a filosemita, implicavam um projeto disciplinador do povo judeu. A versão anti-semita repunha, em linguagem secular, os preceitos católicos que implicavam na irrecuperabilidade do povo judeu, por seu caráter misantrópico, valores, hábitos e crenças que os tornavam intrinsecamente inviáveis para o convívio social. A versão filosemita concordava com esta caracterização dos judeus, mas se distinguiu por considerá-la produto do meio ambiente, particularmente do isolamento a que foram relegados e que face a condições propícias deixariam seus vícios de lado para agir de forma igual ao resto da sociedade.

Embora não se possa precisar a origem do termo “regeneração” no sentido de emancipação, assimilação ou reforma dos judeus, este entrou para uso corrente entre judeus e filosemitas a partir da Revolução Francesa. Consagrou-se no estudo, *Essai sur la regeneration phisique, morale et*

politique des Juifs de 1789, do abade Gregoire, que foi um dos principais artífices da emancipação dos judeus na França e foi celebrado pelas comunidades judaicas como seu grande benfeitor. Aquele ensaio é uma tentativa de responder às objeções levantadas contra a extensão do direitos civis e políticos aos judeus. A cada um dos defeitos atribuídos aos judeus, com os quais, aliás, freqüentemente concorda, como por exemplo as leis religiosas, ritos e festas, hábitos e costumes, aspecto físico, o “espírito de corpo”, ele alega as circunstâncias provocadas pelo isolamento. No que diz respeito propriamente à fé argumenta que a história tem mostrado o caráter mutante e adaptativo da religião judaica. As reformas a serem empreendidas seriam, sobretudo, na área da educação, treinamento em profissões da indústria, agricultura e militares, supressão dos guetos e a dispersão entre os cristãos².

No capítulo intitulado “Il est possible de former les juifs aux art et métiers et à l'agriculture”, o abade responde afirmativamente:

Car observez que nous ne passons pas brusquement aux extrême, nous ne disons pas au Juifs: aujourd'hui fermez votre boutique et demain labourez cette plaine. Il est plus probable que en peu de temps on rendait les Juifs agricoles et bientôt ils s'estimeraient hereux de soigner un marais, de défricher une lande qu'ils fertiliseraient, où ils bâtiraient. Quelques unes de nos colonies, et plusieurs de nos provinces, comme la Bretagne, la Guyenne, demandent des bras; que la voix du government les appelle dans ces contrées, en les disperserei parmi les Chrétiens (p. 114 e 115).

Os judeus franceses contrariando as expectativas do abade não se tornara agricultores e tampouco se dispersam entre os cristãos rio período pós-emancipação. Apesar das profundas mudanças na estrutura ocupacional

² Paul Catrice, em “L'Abbé Henri Grégoire (1750-1831) “Ami de Tous les Hommes” et la Regeneration des Juifs”, *Mélanges des Sciences Religieuses*, Revue Trimestrelle, XXXVI année, n°3, September, 1979, argumenta que o objetivo último do abade era a conversão dos judeus ao cristianismo enquanto que R. Badinter, no prefácio do livro de Abbé Gregoire, *Essai sur la régénération phisique, morale et politique des Juifs*, Edition Stock, 1988, o considera influenciado pelos ideais iluministas. Sobre os debates acerca da emancipação dos judeus na França, ver Pierre Birnbaum, “Un régénérateur Jacobin: L'Abbé Grégoire”. In Birnbaum, Pierre, *Destins Juifs. De la Révolution française à carpentras*: Paris: Calmann-Lévy, 1995.

e do acelerado processo de mobilidade social, os judeus acabam por se concentrar em certas ocupações específicas: comércio, artesanato e profissões liberais. A ausência de camponeses e o fraco proletariado industrial os diferencia da população cristã³. Paralelamente, os judeus franceses não se dissolvem entre os cristãos. Reformulam o judaísmo combinando a herança religiosa com os valores da sociedade circundante (individualismo, patriotismo), ficando a especificidade judaica reduzida ao seu aspecto confessional.

Este padrão de identificação judaica na modernidade européia tem na França sua principal referência e passa a ser difundido de maneira messiânica para todo o judaísmo em outros países através da ação da *Alliance Israélite Universelle*⁴, entidade sediada em Paris que difunde o judaísmo “à francesa” para outras comunidades do mundo. A solidariedade manifestada pelos judeus franceses para com os seus correligionários em outras partes do mundo pode ser compreendida como a incorporação, por parte deles, dos ideais revolucionários e do seu espírito missionário. Caberia aos judeus franceses a missão civilizatória de lutar pela emancipação política e moral dos seus irmãos de confissão do Leste da Europa⁵,

Não só na França como no resto da Europa, boa parte dos esforços intelectuais e práticos do judaísmo na modernidade foram utilizados para se ajustar à versão filosemita do judaísmo. Em outras palavras, os principais movimentos sociais e do judaísmo em particular, o sionismo e as ações filantrópicas (ORT, colonização rural na América Latina etc.) se orientaram para mostrar que, dadas as condições adequadas, os judeus teriam uma estrutura ocupacional como qualquer outro povo.

³ Sobre as mutações socioprofissionais dos judeus na França como consequência da emancipação ver Girard, Paul, *Les Juifs de France de 1789 à 1860. De l'emancipation à l'égalité*. Paris: Calmann-Lévy, 1976.

⁴ Para uma história, um tanto apologética, desta instituição, ver Chouraqui, André, *L'Alliance Israélite Universelle et la Renaissance Juive Contemporaine* (1860-1960), Presses Universitaires de France, 1965, e para uma análise crítica da atuação da instituição durante o “caso Dreyfus”, Ver Marrus, Michel, R., *Les Juifs de France à l'époque de l'affaire Dreyfus*. Paris: Calmann-Lévy, 1972.

⁵ A ICA só abraça unia política de emigração após várias tentativas fracassadas junto ao governo russo de melhorar a situação dos judeus naquele país.

A versão filosemita e suas variações internalizadas pelo judaísmo estavam, obviamente, fadadas ao fracasso. Isto porque supõem que exista uma estrutura “normal” a qual os grupos naturalmente tenderiam a reproduzir, desconhecendo que cada grupo e cultura desenvolvem tendências à especialização em função, obviamente, de contextos históricos particulares que não são facilmente alteráveis por um simples desígnio de vontade e engenharia social. Um povo que durante séculos se concentrou em centros e profissões urbanas, que desenvolveu suas aptidões na área mercantil, artesanal e intelectual não iriam mudar para se ajustar àquilo que dele se esperava. Esta não era, entretanto, a visão dos filantropos judeus desejosos de mudar a imagem degradada que o mundo gentio tinha de seu povo, nem de ideólogos convencidos que a “normalização” ocupacional do povo judeu era desejável e possível.

Apesar do relativo fracasso das expectativas de normalização ocupacional dos filosemitas franceses, o mesmo discurso é retomado por instituições judaicas e servirá de inspiração para a obra de colonização da ICA.

A Jewish Colonization Association

O grande fluxo de emigrantes judeus da Europa Oriental para outros países durante as últimas décadas do século XIX suscitou um caloroso debate entre organizações e lideranças judaicas sobre a atitude a ser adotada frente à emigração. Divididos entre posições contrárias encontravam-se aqueles favoráveis à emigração como forma de resolver o problema judaico e aqueles que julgavam mais correto envidar esforços para melhorar a situação dos judeus nos países em que estavam domiciliados⁶. Todos concordavam, entretanto, que os judeus estavam sendo forçados a emigrar não somente por razões econômicas mas também devido às perseguições religiosas e políticas a que estavam submetidos e que frequentemente

⁶ Para uma discussão dos debates travados entre diferentes organizações e lideranças judaicas européias e americanas vide: Szajkowski, Zosa, “Emigration to America or Reconstruction in Europe”. In: *American Jewish Historical Society*, vol. XLII, no. 2, December, 1952.

afetavam suas condições de sobrevivência.

Dentre aqueles que advogavam em prol da emigração destacava-se o barão Maurice de Hirsch, fundador da *Jewish Colonization Association*⁷. Nascido em Munique, em 1831, pertencia a uma das grandes famílias judaicas dos sécs. XVIII e XIX. Seu avô, Jacob de Hirsch, foi enobrecido pelo grão-duque da Toscana e pelo rei da Baviera tornando-se barão de Géreuth em 1818. Seu pai, Joseph, segundo filho de Jacob, dirigia os negócios da família em Munique, onde nasceu Maurice, do seu casamento com uma mulher egressa de outra grande família judia, os Wertheimer de Frankfurt.

O barão de Hirsch possuía uma das maiores fortunas do mundo e certamente era, entre os judeus, o mais rico. Retirando-se precocemente dos negócios, instala-se em Paris e, sem deixar herdeiros⁸, passa a se dedicar integralmente à filantropia especialmente voltada para os judeus da Rússia. A criação da ICA, em 1891, inaugura um tipo novo de ação filantrópica. Diferentemente das práticas tradicionais da filantropia judaica neste período que objetivavam, principalmente, aliviar as enormes dificuldades enfrentadas pelos refugiados de *pogroms* e pelos emigrantes que afluíam desordenadamente para as capitais da Europa Central e Ocidental e para os Estados Unidos, a ICA pretendia estabelecer uma expatriação metódica e ordenada de judeus russos. Assim, o barão justifica sua ação filantrópica:

In relieving human suffering I never ask whether the cry of necessity comes from a being who belongs to my own faith or not; but what is more natural than that I should find my highest purpose in bringing to the followers of Judaism, who have been oppressed for a thousand years, who are striving in misery, the possibility of a physical and moral regeneration? — than that I should try to free them, to build them up into capable citizens, and thus furnish humanity with much new and valuable material? Every page in the history of the Jews teaches us that in thinking this I am following no Utopian theory, and I am confident that such a result can be obtained⁹.

⁷ A partir de agora utilizaremos a forma abreviada, ICA.

⁸ Seu filho, Lucien, morre ainda jovem.

⁹ Hirsch, Baron de. “My View on Philanthropy”. In Samuel, Joseph. *History of the Baron de Hirsch Fund: the Americanization of the Jewish Immigrants*. New York: The Jewish

O barão esperava que a emigração seria o início de um processo de regeneração física e moral dos judeus russos, sendo a atividade agrícola o principal instrumento

It has become a maxim and a typical reproach against the Jews that they have no inclination for agriculture or manual labor. That is an error which is contradicted not only by modern examples, but by history. The Israelites in the time of Christ were agriculturalists par excellence, while trade, which, judging from the practice of the Jew today, should be the inheritance of Israel, lay then entirely in the hands of the Phoenicians, the Greeks and the people of the Mediterranean states. The Jews, as long as they were politically independent, cared for their fields, as I have said. They drove their herds, and were handicraftsmen. The tendency towards work in the fields and in the shop existed, therefore, and my own observations and those of others have proved that it is quite possible to reawaken in the race this capacity and love for agriculture, and to bring it into existence again. Of his own power, therefore, the poor Jew, who until now has been hated as an outcast, will win for himself peace and independence, love for the ground he tills and for freedom; and he will become a patriotic citizen of his new home¹⁰.

A colonização no Sul do Brasil¹¹

O empreendimento colonizador foi concebido para funcionar dentro dos padrões mais modernos de administração de empresas com objetivos que deveriam ser metodicamente executados. Para a constituição do Conselho de Administração Central, com sede em Paris, foram nomeados judeus influentes e bem estabelecidos em atividades financeiras, industriais e profissões liberais, a maior parte deles recrutados entre os membros da *Alliance Israélite Universelle*. O Conselho concentrava todo o poder decisório do projeto.

Publication Society, 1935 (Appendix A), p. 275.

¹⁰ Ibid, p. 276.

¹¹ Todas as informações que se seguem sobre os empreendimentos agrícolas foram retiradas dos Arquivos da ICA/Brasil, *Alliance Israélite Universelle*, Paris. Para uma história da colonização judaica no sul do país, ver Jeffrey Lesser, *Jewish Colonization in Rio Grande do Sul, 1904 - 1925*. CEDUAL, VSP, 1991.

O programa de ação da ICA implicou uma complexa organização. Na Rússia são instalados comitês locais de emigração compostos de judeus respeitáveis a fim de selecionar os candidatos, administrar os fundos, controlar, organizar e supervisionar o ajuntamento e embarque dos emigrantes e agir como canal de comunicação entre as autoridades e os emigrantes. Deveria-se obedecer dois critérios na seleção dos candidatos: experiência agrícola anterior e disposição de uma soma em dinheiro suficiente para assegurar a sobrevivência até o aparecimento dos primeiros resultados com a nova atividade.

A obra da ICA não era pura filantropia, mas se organizava como uma caixa de empréstimos. Fornecia, *in loco*, uma casa, terras, instrumentos de trabalho e alguns animais cujos valores deveriam ser reembolsados. A vantagem deste método era a de estimular os colonos à mais completa liberdade, uma vez que o empréstimo fosse reembolsado.

Nas colônias havia um administrador nomeado por Paris que devia assegurar o bom funcionamento do empreendimento. Estes eram escolhidos entre os antigos alunos das escolas da AIU na África do Norte e Oriente Médio. Saídos de uma condição precária eles sofreriam a influência civilizatória da Aliança e estavam impregnados de valores franco-judaicos ao ponto de demonstrar para com os emigrantes um sentimento que oscilava entre desprezo e paternalismo.

O Brasil entra no mapa da colonização promovida pela ICA como unia extensão de sua ação já empreendida na Argentina. A província do Rio Grande do Sul, no Brasil, parecia altamente adequada para o estabelecimento de colônias. Situada próxima do norte da Argentina, onde estavam localizados outros estabelecimentos da ICA, a região apresentava clima temperado e terras férteis. Por outro lado, o governo brasileiro mostrava-se receptivo ao projeto e concedeu várias isenções e facilidades. Assim, em 1902, foi adquirida no Rio Grande do Sul uma propriedade denominada Philippon¹², atravessada em sua extensão por uma grande via férrea internacional que ligava o Rio de Janeiro à Montevideu e servida por duas estações.

¹² Em homenagem ao vice-presidente da ICA, mais tarde presidente, e morto em 1929.

Quarenta famílias, recrutadas da Bessarábia, com alguma experiência em agricultura¹³, foram encaminhadas, em 1904, para *Philippson*, distribuídas em 40 fazendas de 25 hectares cada, sendo que parte significativa era de floresta. O colono recebia um inventário consistindo de terra, casa, animais, instrumentos de trabalho, sementes e subsídio, a título de empréstimo, até a primeira colheita. Homens, mulheres e crianças trabalham primeiramente a cultura de *campo* enquanto que as zonas de *mato*, por serem de difícil acesso, necessitavam de uma longa preparação. Mesmo o trabalho no *campo* tinha que ser feito na maioria das vezes manualmente. Seguem-se dois anos sucessivos de seca anulando os resultados destes esforços. Os colonos se sentem desencorajados e seus filhos abandonam a propriedade para tentar a sorte nas cidades vizinhas. A ICA opera uma completa reorganização de sua programação, distribuindo novos subsídios aos colonos, aumentando o tamanho dos lotes para 50 e 60 hectares cada, organizando o desmatamento das terras de floresta com a ajuda de trabalhadores locais, desenvolvendo a pecuária, instalando uma leiteria e uma cooperativa. A situação melhora gradativamente. Outras famílias judias vêm, espontaneamente, se instalar na colônia e alguns filhos dos colonos retornam.

Das cem famílias instaladas, 52 conseguem quitar dívidas de instalação junto à ICA. Este sucesso motiva a criação, seis anos depois, em 1910; de outra colônia, *Quatro Irmãos*, com 93.800 hectares sendo 50 mil de floresta que, preparados para a cultura, mostraram-se férteis. Pela experiência adquirida nos outros centros de colonização a ICA prioriza a instalação de colonos com experiência neste tipo de empreendimento. Para tanto recruta os candidatos na Argentina, entre a população judaica já habituada ao trabalho agrícola, e que trabalhavam como assalariados para os colonos.

Em 1912, um primeiro grupo de quarenta famílias se estabelece em *Quatro Irmãos*. O afluxo de imigrantes foi grande, mas sendo impossível acolher mais do que 90 famílias tenta-se empregá-los em trabalhos de construção de estradas. A maioria não se adapta a este trabalho e deixa a colônia. Em 1914, a ICA se vê forçada pelos colonos a instalar outras 126

¹³ Alguns judeus da Bessarábia haviam sido recentemente instalados em zonas rurais através de projetos do governo russo.

famílias por eles recrutadas na Europa. Após um curto período de tempo muitos colonos abandonam a nova colônia em função da crise econômica provocada pela guerra européia, o êxodo atinge seu ponto culminante em 1915. A colônia chegou a contar com 200 famílias e mais 89 colonos isolados (ao todo 1.678 pessoas) restando, apenas, 73 famílias (516 pessoas) no fim de 1915.

Este núcleo se mantém estável durante todo o período da guerra, quando a emigração fica paralisada. Esta situação se prolonga no pós-guerra em virtude das restrições impostas à emigração. A obra se estagna em 1926. Na última tentativa de repovoar *Quatro Irmãos* instalam-se dois novos agrupamentos constituídos de agricultores escolhidos na Polônia e Lituânia com 24 cultivadores. Em 1926, a população total estabelecida nas duas colônias do Brasil, *Philippson e Quatro Irmãos*, era de 197 famílias (998 pessoas).

A experiência e o discurso normalizador

O fracasso do esforço de “normalização” do povo judeu, inclusive em Israel, onde os trabalhadores do campo nunca deixaram de ser uma minoria, levou à produção de uma historiografia onde para cada fracasso se encontram razões conjunturais, específicas, atribuídas às condições locais, pressupondo que, em princípio, o experimento deveria dar certo.

Os modestos resultados apresentados pela obra de colonização da ICA no Brasil, que foram apenas um pouco melhores na Argentina, criaram dificuldades para a historiografia judaica lidar com este evento. Além de ser um fenômeno pouco estudado pela história da imigração judaica na América do Sul, as explicações do fracasso da fixação dos judeus como agricultores parece criar um grande embaraço. A maioria das explicações correntes atribui às condições precárias do solo, em grande parte constituído de florestas, especialmente na segunda colônia, o elemento fundamental no desencorajamento dos imigrantes com as atividades agrícolas. Outros, ainda, sugerem que o autoritarismo e a inépcia administrativa dos funcionários da ICA seriam responsáveis pelo êxodo dos imigrantes para as cidades. Por fim argumenta-se que a instabilidade econômica e política do

Brasil nas primeiras décadas deste século teriam comprometido o sucesso do empreendimento. Tudo se passa como se os objetivos do projeto, transformar os judeus russos em agricultores brasileiros, não demandassem qualquer reflexão mais pausada e sua frustração devesse ser buscada em um ou outro fator conjuntural.

Entretanto, a análise dos relatórios dos administradores das colônias brasileiras para o Conselho Central da ICA, em Paris, a respeito da primeira década de colonização revela tensões na própria concepção e desenvolvimento do projeto.

Empresa de colonização ou sociedade filantrópica? Parece seio dilema que assalta permanentemente os administradores bem como os colonos. Se por um lado a ICA procurava se pautar pelos princípios da independência e auto-suficiência dos colonos, por outro sua inserção no mundo da filantropia não poderia deixar de demonstrar certa tolerância frente às necessidades dos colonos. Se os critérios de racionalidade capitalista deveriam prevalecer, pois este era o *ethos* adequado à promoção de um novo judeu e da assimilação na modernidade, como compatibilizá-los com uma ética da solidariedade e um esforço intencional de transformação social?

A administração da colônia, que era totalmente dependente das orientações da sede em Paris, deveria, segundo a concepção do projeto, se envolver o menos possível nos assuntos dos colonos. Estes deveriam ser esclarecidos que não há nada a demandar ou esperar dela, e que o trabalho é a única maneira de atender às suas necessidades. O papel da administração seria tão somente o de facilitar as transações comerciais.

Mas, na prática, a administração era constantemente acionada pelos colonos para solucionar seus problemas de sobrevivência. Os recursos trazidos pelos colonos da Europa, na maior parte dos casos, não eram suficientes para mantê-los até que o empreendimento pudesse dar os lucros esperados. A ICA se vê obrigada a conceder subsídios. A atitude dos administradores frente às demandas por subsídios eram desqualificadoras dos colonos. Em maio de 1905 o administrador da colônia atribui aos maus hábitos dos colonos a demanda de subsídios. Desvalorizados, como “crianças às quais ainda não se pode confiar dinheiro”, os colonos são

recriminados por praticar um estilo de vida consumista que contrastava com a modéstia dos agricultores locais. A falta de perseverança dos imigrantes, típica da mentalidade camponesa, é ressentida pelos administradores, além de não se acostumarem ao consumo da farinha de milho bem mais barata que a farinha de trigo, costume que trouxeram da Europa¹⁴. Oferecer subsídios seria antipedagógico:

avec les subsides, ils deviennent imprévoyants et dépensiers ce qu'ils n'auraient certainement pas fait s'ils avaient gagné cet argent à la sueur de leur front, ils seraient, comme on dit, le prix de l'argent.

Mas as sucessivas secas nos dois primeiros anos após a instalação do primeiro núcleo de emigrantes pressionam o administrador local a oferecer subsídios aos colonos. Esta atitude é fortemente condenada pela Administração Central que alerta seu funcionário que a caridade não é compatível com uma obra de regeneração. Coagido pela ameaça de um êxodo massivo de colonos para a cidade, e alguns mesmo advertindo que deixariam suas famílias aos cuidados da ICA, o administrador insiste junto a Paris:

Pouvions-nous réellement abandonner le colon quand cet état de choses était entièrement indépendant de sa volonté? Le colon a fait tout ce qui était en son pouvoir pour faire multiplier à la terre les semences qu'il lui avait confiées (labourer trois fois, herser, biner etc.). Mais pouvait-il réagir contre les effets néfaste de la sécheresse?

A administração central cede e apóia a atitude do administrador local.

Distinguir entre demandas legítimas e ilegítimas, entre aquelas motivadas por adversidades naturais e aquelas provocadas por hábitos condenáveis orientava muitas das decisões políticas da ICA. A primeira deveria contar com a compreensão e tolerância dos funcionários, a segunda deveria ser fortemente combatida.

Mais do que um empreendimento econômico, a obra da ICA (leve ser

¹⁴ Os colonos alegavam que a farinha de milho era muito pesada e não convinha para seus estômagos e que jamais se habituariam a comer pão de milho.

entendida como um projeto pedagógico de criação, ou segundo a aspiração do barão de Hirsch, de reativação, de um *ethos* agrícola entre os emigrantes judeus.

O tipo de política educativa posta em prática pela ICA priorizava a pedagogia do exemplo. Para cada área considerada sensível ao sucesso do empreendimento, procurava-se a superação mediante uma ação que provocasse um eleito demonstrativo positivo nos imigrantes. Assinalaremos algumas destas situações:

a) carência de conhecimentos técnicos.

Do ponto de vista técnico, por exemplo, era necessário orientar os colonos sobre a maneira de cultivar as plantas que eles jamais haviam visto, como a mandioca, cana-de-açúcar, arroz e milho, ou ainda tabaco, caso fossem do norte da Rússia, bem como ensinar o plantio de outras plantas segundo as condições locais de solo e clima. Conselhos verbais dados por técnicos ou inspetores de produção pareciam, aos olhos dos administradores, ineficazes. Era necessário que o agricultor tivesse um exemplo diante dos seus olhos, que visse resultados e decidisse imitar. O meio de consegui-lo foi o de instalar um colono, e sua família, com experiência no país, “um bom trabalhador, aplicado e modesto”.

b) a atração da cidade e a ambição do comércio.

Em 1906, aparece na colônia de *Philipppson* um emigrante judeu bem-sucedido, domiciliado há trinta anos no Brasil. Motivado pela oportunidade de voltar a conviver entre judeus, planeja se desfazer de seus negócios, solicita ingresso na colônia e apenas um lote de terra. O parecer do administrador é positivo e seu argumento ressalta o valor pedagógico deste recrutamento:

Je pense que la colonization de ce David sera d'un bon exemple pour certain de nos colons qui se plaignent à chaque instant et regrettent d'avoir abandonné le petit négoce qu'ils avaient en Russie. Ils verront qu'ils ont là un coreligionnaire qui n'a pas besoin de travailler la terre pour gagner sa vie, qu'ils a en main un métier plus facile et plus lucratif, malgré cela il abandonne tout et se fait agriculteur comme

eux.

Ações exemplares punitivas também poderiam ser acionadas no caso de colonos indisciplinados que insuflam outros colonos. No primeiro grupo de 40 colonos, quatro são classificados como maus elementos. O administrador pede autorização à administração central para expulsar um ou outro destes.

une fois cette mesure prise l'effet ne se fera pas attendre, les autres réfléchiront bien à plusieurs reprises avant de recommencer. La leçon sera salutaire et le restant des colons qui forme en général un bon élément nous en saura gré. Bien entendu le moyen radical que je vous propose ne sera pris que dans les cas tout à fait extrêmes où tous les autres moyens ne réussiraient pas avec un colon.

3) emigração para a Argentina

Em decorrência dos eventos políticos de 1905 na Rússia, muitos colonos recebem cartas de parentes perguntando se poderiam ser colonizados em Philipppson. Eram famílias que possuíam recursos e se sentiam ameaçadas pelos movimentos revolucionários em seu país. O administrador consulta a central, mas antecipa sua opinião:

Je crois qu'on ne ferait pas mal d'accepter comme colons des familles qui possèdent déjà une certaine mise de fonds et surtout qui demandent à émigrer au Brésil. L'arrivée de ces familles ici aura pour principal effet de relever le moral de certains de nos colons qui sont imbus de cette idée que l'Argentine seule est la terre de bénédiction et que le Brésil, parce qu'une année n'a pas répondu à leurs espérances, c'est un pays où il n'y a rien à faire. Ils verront ainsi qu'il y a des familles qui n'ont pas craint de venir engager dans un pays qui hier encore leur était inconnu, tout le pécule qu'elles ont pu amasser, Dieu sait après combien d'années de luttas et de fatigues.

O êxodo dos colonos, sobretudo dos filhos, para as cidades do Rio Grande do Sul, especialmente a capital, Porto Alegre, e para a Argentina, mantém-se durante todo o período da colonização de tal forma que sua continuidade ficou comprometida já em meados da década de 20. Da mesma forma, o afluxo de novos emigrantes para as colônias vai

gradativamente escasseando.

Se compararmos o sucesso das colônias de alemães e italianos no sul do país com os fracos resultados da colonização judaica talvez poderemos obter algumas pistas a respeito de por que a fixação na terra destes últimos foi uma tarefa vã. A atividade agrícola é uma ocupação que encontra um sentido na vicia comunitária, na tradição, no passado etc. Quando esta existe, como no caso dos imigrantes alemães e italianos, a tradição regional ou nacional do país de origem é recriada no novo solo. Estes últimos viviam no Brasil, mas sua organização social, estilo de vida, hábitos, festas, cultura e língua foram transplantados e reelaborados no país de acolhimento dando aos colonos um sentimento de participação numa “comunidade imaginária”, mas forte. Aos judeus faltava uma cultura rural anterior que desse sentido à sua fixação no campo brasileiro.

A inexistência de uma cultura judaica rural que pudesse servir de referência à criação de uma “comunidade” no campo pode ser uma das razões que explicam a rápida assimilação dos judeus na cultura local e a forte atração que a vida urbana exercia junto aos imigrantes russos. Unia autoridade que visita a colônia em 1906 manifesta surpresa com o rápido progresso que os colonos e seus filhos alcançaram no aprendizado do português. Nas colônias alemãs, observa o visitante, era raro encontrar colonos ou crianças que falassem português apesar de já estarem no país há 10 anos. Pode ser também que a forte vontade de integração dos imigrantes russos ao novo país, visando reconstruir completamente suas vidas, fosse incompatível com o isolamento no campo como propunha a ICA. Se a ICA visava a assimilação dos judeus como cidadãos no novo país, o método perseguido de fundar colônias agrícolas parecia ser menos adequado. A cidadania judaica está necessariamente associada à urbanidade. A idéia de “reativar” um ethos rural originado no período bíblico foi uma utopia fracassada, cuja interpretação pode receber a contribuição das pesquisas histórica e sociológica. Através delas será possível avaliar o quanto as propostas filosemitas de integração dos judeus na modernidade estiveram contaminadas pelos estigmas anti-semitas.